

## Como elaborar um roteiro para investigar uma (possível) zona muda nas representações sociais em Educação?

Diego Mota<sup>1</sup>

**Resumo:** As pessoas realmente expressam o que pensam quando respondem a um questionário ou são entrevistadas? As perguntas que fazemos nas pesquisas em Ciências Humanas ajudam os participantes a evocar elementos que possuem uma carga afetiva demasiada para serem revelados naquela situação? Pensando nessas questões, autores como Claude Flament e Jean-Claude Abric levantaram a hipótese de haver uma zona muda nas representações sociais. O que é isso? Por que estudar a zona muda de uma representação? Este artigo é um relato de experiência metodológica que descreve o caminho percorrido pelo autor para construir um questionário voltado à análise de potenciais elementos representacionais contranormativos no grupo social de sua pesquisa de doutorado. Com ele, apresento os elementos-chave da literatura e dialogo com as estratégias dos estudos que empregaram esse modelo analítico no campo da escola. O objetivo é contribuir com a difusão desse procedimento, dado seu potencial de ampliar a compreensão das redes de significação dos objetos sociais da Educação.

**Keyword:** Representações Sociais; Zona Muda; Métodos de Pesquisa; Educação; Avaliação da Aprendizagem.

## Crafting a guide for the investigation of a (potential) "silent zone" in social representations in Education

**Abstrac:** Do people truly express what they think when answering questionnaires or interviews, or do research instruments merely induce socially desirable responses? Based on the theoretical contributions of Flament and Abric, this article discusses the concept of the "silent zone" in social representations—elements that are silenced due to moral, emotional, or normative pressures. The article presents the author's path in designing a questionnaire to identify counter-normative elements within a specific educational group studied in his doctoral research. It outlines key references that may serve as an introduction to the topic and dialogues with studies that have adopted similar analytical models in the field of Education. The aim is to contribute to the dissemination of this approach among graduate students, given its potential to expand access to latent meanings that often remain hidden in more conventional research instruments.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (PUC-Rio), Colégio Pedro II, Profex- Grupo de Pesquisa do Departamento de Educação da PUC-Rio sobre a Profissão, Formação e Exercício Docente. ORCID: [orcid.org/0000-0001-5279-8630](https://orcid.org/0000-0001-5279-8630), e-mail: [diego.mota.1@cp2.edu.br](mailto:diego.mota.1@cp2.edu.br).

**Keywords:** Social Representations; Mute Zone; Research Methods; Education; Learning Assessment.

## **Diseño de un protocolo para la exploración de una (potencial) zona silenciosa en las representaciones sociales en Educación**

**Resumen:** ¿Las personas realmente expresan lo que piensan al responder un cuestionario o al ser entrevistadas? ¿Las preguntas formuladas en las investigaciones en ciencias humanas ayudan a evocar elementos con una carga afectiva demasiado intensa para ser revelados en ese contexto? Ante estas cuestiones, autores como Claude Flament y Jean-Claude Abric propusieron la hipótesis de una “zona muda” en las representaciones sociales. ¿Qué es esta zona muda y por qué estudiarla? Este artículo presenta un relato de experiencia metodológica que describe el camino recorrido por el autor en la construcción de un cuestionario orientado a analizar posibles elementos contranormativos en el grupo social objeto de su investigación doctoral. El texto expone los principales aportes teóricos sobre el tema y dialoga con estudios que han utilizado este enfoque en el campo de la Educación. El objetivo es contribuir a la difusión de este procedimiento, dada su capacidad para ampliar la comprensión de los sentidos atribuidos a los objetos sociales.

**Palabras-clave:** Representaciones Sociales; Zona Muda; Métodos de Investigación; Educación; Evaluación del Aprendizaje.

## **1 INTRODUÇÃO**

A escolha e a combinação de métodos de obtenção de dados são fundamentais no desenho de um estudo de representações sociais para aprofundar suas possibilidades investigativas (Sá, 1996; Wolter, 2018). Essas estratégias são caminhos que permitem uma análise mais ampla da estrutura, do núcleo figurativo e das ancoragens de uma representação. Assim, constituem, de forma robusta, um referencial teórico-metodológico valioso para pesquisas educacionais (Mendes Vieira *et al.*, 2025).

De fato, as representações sociais (RS) apresentam camadas e possibilitam a adaptação das condutas a diferentes situações (Abric, 2005).

Precisamos estar atentos a essa questão. Em função disso, os dados produzidos por meio de questionários e entrevistas diretas podem apresentar resultados que mascaram o que as pessoas pensam ou fazem. Isso pode ocorrer por proteção, desconforto, privacidade, moral ou pela falta de consciência. Levando-se em consideração esses aspectos, uma representação social pode expressar um conteúdo não declarável em qualquer situação: a zona muda (Abric, 2005).

Desde a proposição da grande teoria desenvolvida por Moscovici, o campo das RS se expandiu e avançou em seus pressupostos teóricos. Essa dinâmica levou ao aumento do número de pesquisas voltadas para a compreensão do pensamento sobre diversos fenômenos sociais (Campos, 2021).

Dentro desse movimento, alguns autores reconheceram os limites metodológicos de suas abordagens e, com isso, buscaram ampliar as possibilidades analíticas do campo. Nesse caso específico, eles questionavam se, de fato, “quando uma população responde a uma sondagem sobre representações ela nos fornece, de forma verdadeira e completa, a sua representação” (Abric, 2005, p. 23).

De acordo com Abric (*ibidem*), é comum que as pessoas representem efetivamente aquilo que realmente pensam sobre determinado objeto. Contudo, o autor enuncia que há contextos nos quais os participantes do estudo ocultam, mascaram ou declaram apenas uma parte das suas opiniões e atitudes acerca de determinado tema. Por isso, a

escolha metodológica (para a obtenção de dados) influencia a captação das representações sociais. Assim, sublinha-se a necessidade de uma vigilância epistemológica reflexiva ao longo dessas investigações (Silva, Ferreira, 2012).

Essa questão despertava meu interesse ao planejar os instrumentos da pesquisa de doutorado (Mota, 2022). Nela, investigava as RS de professores de Biologia de um instituto federal, grupo do qual faço parte. Tal proximidade representava um desafio metodológico. Os participantes poderiam, consciente ou inconscientemente, influenciar (e sempre influenciam) a produção de dados de acordo com expectativas sociais ou acadêmicas. Afinal, são pares com os quais construo relações cotidianas. Busquei, portanto, estratégias que permitissem acessar não apenas conteúdos socialmente aceitáveis e desejáveis, mas também conteúdos potencialmente mascarados nas representações desses professores.

Além disso, o tema da avaliação mobiliza práticas associadas a um capital simbólico que molda hierarquias e relações de poder no contexto escolar. Há sujeitos que avaliam e sujeitos que são avaliados. Na escola tradicional, a progressão dos estudantes na escada da seriação é condicionada a tais processos. Ainda assim, há consensos bem estabelecidos de que a avaliação é uma poderosa prática pedagógica, aliada das aprendizagens. Diante dessas contradições, a avaliação pode ser considerada um tema sensível. Trata-se de uma prática que envolve a legitimidade do sistema escolar tradicional, a submissão de seus sujeitos

às lógicas contextuais, a exclusão daqueles que fracassam, além de ideias insurgentes que vislumbram ir além da classificação.

Considerando esse fator como uma eventual limitação do meu estudo, desenhei a pesquisa combinando metodologias que pudessem ser trianguladas com coerência. O objetivo era minimizar esse obstáculo comunicacional. Minha indagação consistia em saber se os participantes do estudo declarariam aquilo que realmente pensam ou se, voluntária ou involuntariamente, apresentariam a melhor (ou pior) imagem das suas representações sobre “avaliação da aprendizagem”.

Em minha pesquisa sobre as representações sociais de avaliação, trabalhei com a abordagem estrutural (Mota, De Aguiar, 2020) e com o estudo das ancoragens representacionais (Mota, Mesquita, Campos, 2023; Mota, Mesquita, 2023). Para esse fim, combinei entrevistas não diretivas com a técnica de livre associação de palavras. Contudo, questões associadas a potenciais elementos sensíveis nas RS dos professores me levaram a considerar uma triangulação de métodos que incluísse o estudo sobre uma possível zona muda.

Desse modo, minha maior pretensão com este texto é compartilhar com outros pesquisadores esse processo que me levou ao estudo da zona muda e ajudar na difusão dessa opção metodológica. Anuncio um texto que hibridiza um relato de experiência e a descrição de sua construção metodológica. Incluo também uma revisão do que a literatura tem apresentado sobre o tema no campo da Educação.

É importante lembrar que nem todo objeto pode ser tema de estudo em RS. Ele deve estar ancorado em uma questão socialmente relevante, em um contexto de transformação ou de controvérsia. O tema também deve integrar as práticas mobilizadas e a dinâmica relacional de grupos sociais. São essas condições que impulsionam a necessidade de um grupo construir uma representação sobre ele (Sá, 1998). Além disso, a análise de uma possível zona muda não se aplica a todos os casos. Diante disso, antes de avançarmos nas reflexões metodológicas que orientam este relato, é fundamental compreendermos o que se entende por zona muda e quais sentidos esse conceito assume no campo das representações sociais.

## **2 O QUE É A ZONA MUDA DE UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL?**

Em seu estudo sobre as representações sociais da psicanálise, Moscovici (1978) observou que, em algumas situações, há certa ambiguidade entre o que as pessoas sabem, dizem, pensam e fazem. Essas dimensões compõem os sistemas representacionais, que guiam nossas atitudes no cotidiano.

O contexto em que essas ações ocorrem influencia o que será dito, bem como as condutas e opiniões das pessoas. O autor ainda afirma que essas atitudes são absolutamente normais, sendo até indispensáveis nas relações sociais que estabelecemos. Dessa forma, podemos compreender que as RS permeiam o universo de contradições presentes na convivência com os outros e com o mundo (Marková, 2017).

Pensando nesse sentido, Abric (2005) propôs que uma representação possui duas faces: uma facilmente declarável e outra não tão explícita, a sua zona muda. Evidentemente, ele não se referia à ideia de um conteúdo inconsciente. Falava sobre uma camada das RS que “faz parte da consciência dos indivíduos, e é conhecida por eles. Contudo, ela não pode ser expressa, porque o indivíduo ou o grupo não quer expressá-la pública ou explicitamente” (*ibidem*, p. 24).

Quando Claude Flament (Flament *et al.*, 2006) trouxe esta expressão “zona muda”, sugeriu que ela existe para determinados fenômenos, em dadas situações sociais. Geralmente, são objetos que possuem grande valor simbólico para o grupo e que, se revelados em determinados contextos, expõem o sujeito a um julgamento social e moralmente reprovável.

Questões como o racismo, a xenofobia e as condições de saúde estigmatizadas são exemplos de objetos de estudo com potencial de apresentar uma zona muda. São temas conflituosos que, muitas vezes, envolvem minorias ativas. Nesses casos, é muito provável que as respostas em relação a esses fenômenos sociais enfatizem apenas aspectos mais convenientes ou que ficam “esquecidos” ou “ignorados” pelo falante.

Imagine que você pergunte diretamente a alguém se ela é racista, a favor do direito da mulher quanto à escolha pelo aborto, ou o que ela pensa sobre uma pessoa transgênero. Não é difícil entender que esses questionamentos geralmente induzem respostas normativamente

esperadas, dependendo da situação. Em outras palavras, coisas diferentes podem ser ditas caso a pessoa responda a uma pesquisadora desconhecida, a alguém próximo ou se o contexto social exerça alguma pressão para que sua manifestação não pegue mal.

Dessa maneira, o termo “zona muda” está associado ao fato de que alguns significados de uma representação não são acessados facilmente pelas estratégias usuais de obtenção de dados, como as entrevistas e questionários diretos. Logo, podemos dizer que esses conteúdos escondidos possuem natureza contranormativa. Por essa razão, essas abordagens podem ser pertinentes em estudos sobre determinadas práticas e objetos no campo da Educação, pois têm o potencial de revelar elementos das representações sociais que dificilmente seriam identificados por outras estratégias investigativas. Nesse contexto, surge a questão: como essa metodologia tem sido abordada nos estudos da Educação?

### **3 UMA REVISÃO DE LITERATURA DOS ESTUDOS QUE INVESTIGARAM A ZONA MUDA NO CONTEXTO DA ESCOLA**

Para elaborar meus instrumentos de pesquisa, era fundamental conhecer como outros autores vinham utilizando a abordagem da zona muda. Com essa finalidade, realizei este estudo da arte adotando como referencial o modelo proposto por David Gough (2017) para revisões de literatura.

Em um mapeamento sobre o período 2007-2017, nas bases *Cairn.info*, *Lilacs* e *Scielo*, Rocha (2017) encontrou 10 artigos com o uso da zona muda em sua metodologia. De acordo com a autora, esses estudos eram predominantemente da área da enfermagem (saúde), mas havia alguns da psicologia ou do contexto da educação superior. Essa revisão destaca o uso da técnica de substituição por meio da livre associação de palavras e a ausência de pesquisas feitas com métodos de descontextualização normativa.

Partindo desse estudo, fiz uma busca sistematizada no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mapeei dissertações, teses e artigos publicados em periódicos nacionais, entre 2005 e 2025, com os operadores booleanos “zona muda” e “representações sociais” em qualquer parte do texto. Queria compreender a questão: como os estudos da Educação têm explorado a zona muda das RS?

Assumindo que uma escolha metodológica deixa de lado todas as possibilidades que outras escolhas poderiam revelar, apresento aqui os resultados dessa busca. Dada a natureza qualitativa proposta nesse texto, faço uma descrição holística dos resultados, porém original, sem a preocupação de descrever cada estudo particular, nem de identificar seus autores.

Destaco que também analisei os anais do último encontro de dois importantes eventos acadêmicos que reúnem pesquisadores em RS. Na

última edição do Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), localizei um único estudo. Nele, os autores pesquisaram as práticas educacionais da “escola inclusiva”, caracterizando a existência de uma “zona muda” no discurso dos professores (Almeida, Campos, 2023). Nos anais da Jornada Internacional sobre Representações Sociais (2024), localizei três pesquisas; no entanto, apenas uma delas foi direcionada ao contexto da escola, também apresentando outros desdobramentos daquele mesmo estudo publicado nos anais do EDUCERE.

Na busca realizada no portal de periódicos da CAPES, encontrei 19 resultados e selecionei os 10 artigos que trabalham com o estudo da zona muda das RS no campo da Educação Básica. Nesta base de dados, evidencia-se uma paridade entre as investigações realizadas no contexto da saúde e da escola, o que indica um aumento do interesse pela zona muda nas pesquisas sobre a profissão docente e a escolarização. Para garantir a confiabilidade e a replicabilidade desta revisão sistemática, apresento os referenciais dos resultados obtidos no quadro I.

**Quadro I** – Instrumentos e temas de pesquisa utilizados em estudos que investigaram a zona muda das representações sociais, identificados no portal de periódicos da CAPES entre 2005-2025

Autores	Tema	Instrumentos
Andrade, 2006	O lugar feminino na escola	Entrevistas não diretas
Scoz, Martinez, 2009	A zona muda das RS: uma aproximação a partir do jogo de areia	Jogo de Areia
De Lima, Machado, 2011	Professoras e suas RS do “bom aluno”: o impacto de novas práticas educacionais	Entrevistas não diretas
Machado, 2012	Aproximações em torno da zona muda das RS de ciclos de aprendizagem entre professores	Cenas indutoras. Assertivas situacionais
Soares, Machado 2014	Violência contra o professor nas RS de docentes	Entrevistas com pranchas indutoras

Campello, 2015	As representações sociais de diversidade sexual por professores e professoras	Entrevistas semiestruturadas
Lannes, Gonzaga, 2018	Rejeição do uso de camisinha por adolescentes	Teste de livre associação de palavras
Calile, 2022	A zona muda das representações sociais sobre gênero e sexualidade	Teste de livre associação de palavras
Iantas, Koga, 2024	Família e escola: um estudo a partir das RS de alunos da Educação Básica	Teste de livre associação de palavras
Barreto, 2025	RS de professor sobre aluno (in)visibilizado	Conversação e painel

**Fonte:** Dados da pesquisa

Esses 10 estudos selecionados investigaram temas como a violência contra o professor, o “bom aluno”, o aluno (in)visibilizado, gênero e sexualidade (2), as subjetividades docentes, a relação família x escola, a escola em ciclos e a rejeição do uso de camisinha por adolescentes. A leitura dos resultados desses estudos indica que essa opção metodológica tem sido empregada de maneira contributiva e tem auxiliado a revelar elementos representacionais conflituosos que poderiam ser mascarados por meio do uso de outras estratégias.

Quanto aos instrumentos elaborados pelos pesquisadores, a técnica de substituição, por meio do teste de livre associação de palavras ante o termo indutor, apareceu em três desses estudos. Nessa metodologia, os investigadores solicitam ao participante que “escreva as palavras que vêm à mente quando pensa em...”, em primeira pessoa e, em seguida, colocando-se no lugar de outra pessoa.

Além disso, é notória a diversidade de estratégias projetivas empregadas em cada um desses estudos, como o uso de metáforas, que possibilitam a emergência de discursos menos racionalizados entre os

participantes. Também observei o uso de entrevistas não diretivas (3), nas quais o pesquisador não aborda diretamente o tema de investigação. Além disso, identifiquei o uso de pranchas indutoras (manchetes com imagens e capas de reportagens). Esse último recurso recorre a situações que alteram o contexto da entrevista, diminuindo a pressão normativa de um questionamento direto.

Dentre essas estratégias, também encontrei o uso de métodos próprios da psicanálise, como os procedimentos de escuta ativa e a leitura dos resultados com base na análise de discursos em busca dos ditos, interditos e não ditos. Um dos estudos apresenta as possibilidades que o Jogo de Areia, uma técnica projetiva que usa uma caixa com elementos diversos, pode oferecer para as pesquisas educacionais.

Diante disso, podemos dizer que esses estudos têm ido além das ideias seminais de Abric (2005) e Flament, Guimelli e Abric (2006) e têm seguido suas sugestões quanto à necessidade de avanços metodológicos. Tais inovações são fundamentais para contornar a pressão normativa e diminuir os efeitos do mascaramento que técnicas mais diretas podem gerar, permitindo um acesso mais profundo aos elementos da zona muda de cada contexto de pesquisa.

Os *insights* obtidos a partir dessa análise me ajudaram a pensar e elaborar o instrumento que empreguei em minha pesquisa para estudar as RS de professores sobre avaliação da aprendizagem em suas práticas educacionais. A dúvida inicial era se seria mais pertinente optar por uma

estratégia de diminuição de pressão normativa por meio da técnica de substituição ou da deslocamento. Como elas funcionam?

#### **4 ELABORANDO O INSTRUMENTO DA PESQUISA**

Abric (2005) sugere duas vias metodológicas para reduzir a pressão normativa em uma investigação sobre RS. Uma delas é a técnica de descontextualização normativa. Nesse caso, o pesquisador desenvolve situações que levam o participante a se distanciar de seu grupo de referência. O objetivo é reduzir o risco de julgamentos por parte do entrevistador, especialmente em situações nas quais ambos fazem parte do mesmo grupo social.

No meu caso, que estudei meus pares, até pensei em solicitar aos professores que se posicionassem no lugar dos estudantes. Não assumi esse caminho porque observei certa dificuldade de professores racionalizarem sobre suas próprias práticas, no teste-piloto ensaiado com alguns colaboradores.

O método de substituição é outra técnica usada para diminuir a pressão normativa. Nesse caso, solicita-se ao participante que se coloque no lugar de seus pares para realizar a tarefa indutora. Empreguei esse caminho para uma aproximação de uma possível zona muda nas representações.

Era preciso criar condições para que os professores manifestassem sua reflexividade e não expressassem uma representação conveniente ao

contexto da entrevista ou ao grupo social ao qual pertencem. Para evitar a “boa resposta”, o instrumento deveria buscar reduzir o nível de envolvimento dos sujeitos ao descrever o que outra pessoa responderia nessa situação.

O que desenhei para explorar uma potencial zona muda? Para minimizar o grau de implicação sobre os participantes da pesquisa, convidei os professores a se posicionarem em dois contextos. Inicialmente, solicitei que respondessem um questionário com questões acerca de suas práticas avaliativas para que pensassem sobre o tema em sua vivência pedagógica. Logo após, requisitei que completassem as seguintes frases: “minha avaliação seria melhor se não fosse...” e “o que mais me incomoda em minha avaliação é...”. A seguir, pedi aos docentes que escrevessem o que outro professor responderia diante das mesmas questões.

Desse modo, esperava que eles manifestassem elementos representacionais com base no posicionamento de outra pessoa. Com o teste de substituição, a expectativa é que eles atribuam a outros sujeitos sua própria representação. Tal atribuição implica um deslocamento do conteúdo omitido na resposta pessoal para a impessoalidade da terceira pessoa. Consequentemente, eles poderiam (em princípio) manifestar seu pensamento com menor constrangimento, pois a pressão normativa sobre o próprio sujeito tende a ser menor.

De acordo com Campos (2012, p. 19), essa pista metodológica “torna possível dar certa legitimidade a posições ilegítimas”. E essa era a questão que me interrogava na análise dos dados de meu estudo. O que encontrei como elementos de uma provável zona muda? Nesse estudo, as evocações associadas à avaliação convergiram nos dois posicionamentos e espelhavam os resultados encontrados no teste de livre associação de palavras. O papel das normas institucionais (aquilo que é esperado do trabalho do professor) apareceu como uma relevante ancoragem de suas RS, bem como o poder dos processos formativos docentes para a emergência de práticas insurgentes.

Na hipótese da zona muda, emergiu a ideia de que o modelo avaliativo clássico da escola seriada tradicional tem efeitos emocionais negativos sobre os estudantes. Ao diminuir a pressão normativa sobre os participantes da pesquisa, respondendo no lugar do outro, muitos docentes disseram que incomodava o medo, a ansiedade e o pavor de seus alunos diante da prova. Eles projetaram a consciência dos efeitos prejudiciais desse sistema avaliativo sobre os estudantes (Mota, 2024). Esse era um elemento central em suas RS, que não seria desvelado sem o suporte da investigação de uma zona muda. E isso seria um limitador que comprometeria uma interpretação mais robusta dos dados da pesquisa.

Esses achados reforçam a hipótese de que práticas avaliativas tradicionais são sustentadas por representações contranormativas, muitas vezes ocultadas em contextos de interação direta. A técnica de

substituição mostrou-se eficaz para revelar tais conteúdos. Por esse motivo, destaco a pertinência dessa estratégia analítica nas pesquisas educacionais realizadas com base em modelos psicossociais.

## 5 DESDOBRAMENTOS

As tessituras entre as pesquisas educacionais e a Teoria das Representações Sociais têm gerado contribuições significativas a ambos os campos. Ao mesmo tempo em que a TRS lança luz sobre as práticas e subjetividades dos atores escolares em seus contextos, o pensamento educacional, nesse entre-lugar, também impulsiona mudanças epistemológicas que beneficiam os estudos sobre RS (Souza, Novaes, 2022). O presente artigo converge nessa direção, ao apresentar exemplos da potência dessa rizomização.

É importante destacar que as RS não são apenas percepções, concepções ou discursos que nos atravessam nas relações sociais. Trata-se, sobretudo, de guias para nossas ações, de práticas que vivenciamos e transmitimos por meio da comunicação (Campos, Rouquette, 2003). Estamos imersos nas RS: é por meio delas que agimos, nos comunicamos e compreendemos o mundo.

Com efeito, a escola contemporânea é marcada por hierarquias, práticas normatizadas e tradições. Ao mesmo tempo, atravessa um espírito de tempo em transformação, enfrenta a precarização da profissão docente e lida com desafios geracionais que evidenciam sua

vulnerabilidade. A isso, somam-se as políticas de ampliação do acesso, da permanência e da inclusão de populações que, até pouco tempo, eram silenciadas. Não se trata de águas tranquilas: a escola é um campo de conflitos e tensões, onde tudo parece instável e confuso. Nesse contexto, os estudos em representações sociais mostram-se especialmente pertinentes para (re)pensarmos ou (re)afirmarmos certas práticas escolares e refletirmos sobre seu papel no século XXI. Afinal, por que educamos nossos alunos?

Longe de pretender dizer o que os professores deveriam fazer ou teorizar sobre como as escolas deveriam ser, o olhar psicossocial sobre os fenômenos da Educação se posiciona de modo distinto. Ele anuncia que nossas leituras de mundo são elaboradas nas interações com os outros, em nossas trajetórias formativas e nas tensões vivenciadas nesse espaço-tempo, seja na condição de estudantes, seja na de professores.

O desafio, portanto, é nos distanciarmos da simples constatação de como o mundo funciona ou da tentativa de propor soluções prescritivas sobre o que as escolas deveriam ou poderiam fazer. Mais do que isso, essa articulação teórica ajuda a evidenciar certas ideias hegemônicas, pensamentos insurgentes e tensões sociais que atravessam os contextos educacionais. Ao revelar tais tensões, os estudos em RS apontam as direções de mudança que os sujeitos se dispõem a trilhar e também os caminhos em que há maior resistência às transformações.

Para o campo da formação de professores, essas contribuições são especialmente significativas. Elas demonstram que a realidade é constituída pela diferença (e não pela homogeneidade) e que é possível encontrar fissuras para ir além, mesmo quando a estrutura escolar nos parece rígida e inflexível (Mota, 2025; Mesquita, 2025). Tais achados apontam a possibilidade de novos modos de pensar e agir, desde que estejamos abertos para a incerteza inerente ao devir e ao porvir em nossos atos pedagógicos.

Com este artigo, busquei mostrar que, ao direcionarmos nossas lentes de pesquisa para as representações sociais de temas sensíveis no campo da Educação, pode ser interessante adotar estratégias que provoquem a evocação de conteúdos com maior carga afetiva. Esses conteúdos são frequentemente mascarados por metodologias mais convencionais, pois muitas vezes envolvem preconceitos, assimetrias e relações de poder. De fato, a articulação entre Educação e a Teoria das Representações Sociais tem se expandido no Brasil nas últimas décadas, e a investigação da zona muda pode auxiliar pesquisadores a ampliar suas análises sobre os fenômenos estudados. Embora essas ideias tenham sido propostas por Flament, Guimelli e Abric (2006) há quase vinte anos, ainda se mostram um terreno fértil para pesquisas no campo da Educação. Esse caminho, no entanto, continua sendo pouco explorado.

Diante dessas reflexões, é possível avistar que o estudo da zona muda contribui para o aprofundamento da compreensão sobre os modos

como professores e estudantes elaboram suas práticas, revelando as contradições entre o ideal pedagógico e as limitações impostas pelo cotidiano escolar. Assim, este trabalho reafirma o papel das RS como matriz teórico-metodológica potente para analisar o pensamento social na Educação. Além disso, propõe o uso da zona muda como caminho interessante para compreender o que, muitas vezes, não é dito, mas que, ainda assim, orienta o agir educativo.

Concluo pela afirmação de outras possibilidades de significação das práticas escolares que apostam na alteridade e no reconhecimento da diferença. Assim, os estudos de objetos de representação marcados por estigmas, discriminação ou relações de poder têm a viabilidade de deslocar os sentidos que são hegemônicos na produção do pensamento social. O estudo da zona muda pode contribuir para subverter a sempre presente tendência de mascaramento de conteúdos contranormativos nas pesquisas educacionais.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Este artigo discutiu a importância de investigar a (possível) zona muda de uma representação social e apresentou os caminhos percorridos para a construção de um instrumento de pesquisa. Tal abordagem mostra-se promissora para uma compreensão mais robusta dos sentidos de uma representação, especialmente em fenômenos humanos mais

sensíveis, marcados por forte carga afetiva e por significados protetores das práticas e valores de grupos sociais.

O estudo da zona muda revela-se pertinente para os pesquisadores que lançam suas lentes sobre temas polêmicos, controversos ou socialmente tensionados: questões cujas práticas estão associadas à discriminação, à intolerância, relações assimétricas e à exclusão de grupos minorizados.

É importante lembrar que nem sempre existe uma zona muda em uma representação social, visto que alguns fenômenos não possuem natureza contranormativa. De certa forma, esse caminho metodológico pode fazer emergir a projeção dos elementos escondidos de uma representação. Contudo, esse procedimento pode surtir outro efeito: revelar a representação social que os sujeitos têm em relação aos outros sujeitos de seu grupo social. Apesar disso, a redução da pressão normativa permite ao menos levantar hipóteses sobre a existência e a natureza das representações.

Há potência no interesse sobre a zona muda das RS de práticas e objetos associados ao campo da Educação. Observou-se que as poucas pesquisas identificadas no portal de periódicos da CAPES vêm inovando na elaboração de seus instrumentos e na triangulação metodológica. Essas estratégias têm descortinado elementos mascarados que, se ignorados, comprometem a interpretação e a compreensão das representações estudadas.

Assim, reforça-se a importância de que investigações no campo das RS considerem a existência, ou não, de uma zona muda, buscando estratégias metodológicas adequadas ao seu objeto e contexto. No caso deste estudo, foi por meio desse olhar que as emoções dos estudantes, aqueles que mais importam quando se trata da avaliação da aprendizagem, puderam emergir no pensamento social dos professores que pesquisei.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A zona muda das representações sociais. In: Jodelet, D. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. p. 23-34. Ed. Museu da República, 2005.

ALMEIDA, Sabrina Araújo; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Representações sociais da “escola inclusiva”: análise das práticas educacionais a partir da zona muda. In: **Anais Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. 2023. PUC-PR. Curitiba. Disponível em: <https://eventum.pucpr.br/educere/anais>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Representações Sociais, risco e vulnerabilidade. **Tempus–Actas de Saúde Coletiva**, v. 6, n. 3, p. ág. 13-34, 2012. Disponível em: [doi.org/10.18569/tempus.v6i3.1153](https://doi.org/10.18569/tempus.v6i3.1153). Acesso em: 15/03/2025.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria. As práticas sociais e seu “contexto”. In: Rosso, Adriane. **Mundo sem fronteiras: representações sociais e práticas sociais**. Florianópolis: Abrapso, p. 122-156, 2021.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 435-445, 2003.

FLAMENT, Claude, GUIMELLI, Christian, ABRIC, Jean-Claude. Effets de masquage dans l'expression d'une représentation sociale. **Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**. p. 15-31. 2006. Disponível em: [https://shs.cairn.info/article/CIPS\\_069\\_0015?tab=texte-integral](https://shs.cairn.info/article/CIPS_069_0015?tab=texte-integral), Acesso em: 29/03/2025.

GOUGH, David; **An introduction to systematic reviews**. London: Sage, 2017.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 358-375, 2017.

MENDES VIEIRA, G.; DE OLIVEIRA VIEIRA, V. M.; REZENDE DOS SANTOS, G. A Teoria das Representações Sociais na pesquisa educacional: possibilidades investigativas. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/14408>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MESQUITA, Silvana Soares. **Práticas pedagógicas insurgentes: por uma didática (re)construída na docência**. Rio de Janeiro, Editora Pedro e João. 2025.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 1978.

MOTA, Diego. **Avaliação da aprendizagem e suas representações sociais entre professores de Biologia de uma escola de referência**. 2022. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61776/61776.pdf>. Acesso em: 15/03/2025.

MOTA, Diego. Entre as engrenagens e o medo da prova: as representações sociais de professores sobre suas práticas avaliativas. **Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, p. e88677-e88677, 2024. Disponível em: [doi.org/10.5902/2318133888677](https://doi.org/10.5902/2318133888677). Acesso em: 16/03/2025.

MOTA, Diego; DE AGUIAR, Juliana Maciel. O que pensam professores sobre avaliação: O núcleo central das representações sociais acerca de avaliação entre docentes do Colégio Pedro II. **Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, v. 9, n. 18, p. 1-16, 2020. Disponível em: [doi.org/10.5902/2318133840033](https://doi.org/10.5902/2318133840033). Acesso em: 16/03/2025.

MOTA, Diego; MESQUITA, Silvana Soares. Avaliação da aprendizagem no ensino de Biologia: análise das ancoragens das representações sociais de professores. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, p. 163-182, 2023. Disponível em: [doi.org/10.46667/renbio.v16i1.957](https://doi.org/10.46667/renbio.v16i1.957). Acesso em: 16/03/2025.

MOTA, Diego; MESQUITA, SILVANA SOARES DE ARAÚJO; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Indicativos para uma avaliação formativa entre professores de biologia. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 34, 2023. Disponível em: [doi.org/10.18222/eae.v34.10472](https://doi.org/10.18222/eae.v34.10472). Acesso em: 16/03/2025.

MOTA, Diego. Quando a gente tem boas estratégias para fazer o que é mais importante: a avaliação no ensino de biologia. In: MESQUITA, Silvana Soares (org.). **Práticas pedagógicas insurgentes: por uma didática (re)construída na docência**. Rio de Janeiro, Editora Pedro e João. 2025. p. 21-36. Disponível em: <https://zenodo.org/records/16994152>. Acesso em 27 de setembro de 2025.

ROCHA, Vanessa Lima Blaudt. **Enfoques contemporâneos da teoria das representações sociais**. Orientadora: Mary Rangel. 2017. 92 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SÁ, Celso Pereira. O campo de estudos das representações sociais. In: SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 13-50, 1996.

SÁ, Celso Pereira. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, Rafael Celestino da; FERREIRA, Márcia de Assunção. Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que, para que. **Escola Anna Nery**, v. 16, p. 607-612, 2012. [doi.org/10.1590/S1414-81452012000300026](https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000300026). Acesso em: 25 de setembro de 2025.

SOUSA, Clarilza Prado de; NOVAES, Adelina. Intercâmbios entre educação e teoria das representações sociais no Brasil. **Psicologia da Educação**, n. 55, p. 119-128, 2022. [doi.org/10.23925/2175-3520.2022i55p119-128](https://doi.org/10.23925/2175-3520.2022i55p119-128). Acesso em: 21 de setembro de 2025.

WOLTER, Rafael. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais: Pontes entre Teoria e Método. **Psico-USF**, v. 23, p. 621-631, 2018. [doi.org/10.1590/1413-82712018230403](https://doi.org/10.1590/1413-82712018230403). Acesso em: 29 de setembro de 2025.

### ARTIGOS INCLUIDOS NA REVISÃO SISTEMÁTICA

ANDRADE, Daniela. **O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais**. Orientador: Sousa, C. P. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16255>. Acesso em: 16/03/2025.

BARRETO, Antônio Geraldo. (Des)vela-se a zona muda: representações sociais de professor sobre aluno (in)visibilizado. **Educação e Contemporaneidade**. 2025. Disponível em:  
<https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/8496>.

CALILE, Otávio. A zona muda das representações sociais sobre gênero e sexualidade. **Diaphora**, v. 11, n. 2, p. 9-17, 2022. Disponível em:  
[doi.org/10.29327/217869.11.2-2](https://doi.org/10.29327/217869.11.2-2). Acesso em: 16/03/2025.

CAMPELLO, Lúcia Bahia Barreto. **As representações sociais de diversidade sexual por professores e professoras da rede municipal de ensino do Recife e suas relações com a formação continuada**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação. UFPE. 2015. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17202>. Acesso em: 16/03/2025.

DE LIMA, Andreza; MACHADO, Laêda. Professoras e suas representações sociais do “bom aluno”: o impacto de novas práticas educacionais. **Revista Profissão Docente**, v. 11, n. 23, p. 27-44, 2011. Disponível em:  
[doi.org/10.31496/rpd.v11i23.199](https://doi.org/10.31496/rpd.v11i23.199). Acesso em: 16/03/2025.

INTAS, Camila; KOGA, Viviane. Família e escola: um estudo a partir das representações sociais de alunos da Educação Básica. **Olhar de Professor**, v. 27, p. 1-19, 2024. Disponível em:  
[doi.org/10.5212/OlharProfr.v.27.23170.052](https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.27.23170.052). Acesso em: 16/03/2025.

LANNES, Denise; GONZAGA, Luciano Luz. Rejeição do uso de camisinha por adolescentes: uma perspectiva a partir da zona muda das representações sociais. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 472-487, 2018. Disponível em: [doi.org/10.5335/rep.v25i2.8174](https://doi.org/10.5335/rep.v25i2.8174). Acesso em: 16/03/2025.

MACHADO, Laêda. Aproximações em torno da zona muda das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **ETD**.

2012, vol.14, n.02, pp.186-201. 2012. Disponível em:  
<http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v14n02/v14n02a12.pdf>. Acesso em:  
16/03/2025.

SCOZ, Beatriz Judith; MARTINEZ, Albertina Mitjáns. A zona muda das representações sociais: uma aproximação a partir do jogo de areia. **Revista Interamericana de Psicologia**. 43, n. 3, p. 432-441, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28412903002.pdf>. Acesso em: 16/03/2025.

SOARES, Michelle Beltrão; MACHADO, Laêda Bezerra. Violência contra o professor nas representações sociais de docentes. **Perspectiva**. 2014, vol.32, n.1, pp.333-354. Disponível em: [doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n1p333](https://doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n1p333). Acesso em: 16/03/2025.

---

**Recebido em:** 12 de julho de 2025

**Aceito em:** 28 de outubro de 2025

**Publicado online em:** 31 de dezembro de 2025